



SÃO TANTAS AS VERDADES O DOSSIÊ



Luiz Fernando Tartarotti Godoy

São tantas as verdades – O Dossiê

Trabalho de Conclusão de curso
apresentado a Universidade do Sul
de Santa Catarina como requisito
parcial à obtenção de título de
Bacharel.

ORIENTADORES:

Prof. Ms. André Arieta

Profa. Dra. Mara Salla

Profa. Ms. Marilha Naccari

PALHOÇA

2022

1. – Apresentação	4
2. – Roteiro	6
2.1. Última versão do roteiro	6
2.2. - Leitura do roteiro pela direção	10
3. Análise crítica	12
3.1. - Direção de Arte	12
3.2. – Casting e Preparação de Elenco	16
3.3. - Direção de Fotografia	26
3.4. – Montagem	29
3.5. - Desenho de som	30
3.6. - Produção	31
4. - Plano de negócios: exibição e distribuição	31
4.1. Resumo de dados quantitativos	31
4.2.- Descrição do plano	32
4.3. Ficha técnica	32
4.4. Mídias e canais de divulgação	32
4.4.1. Cartaz	34
4.4.2. Foto de divulgação horizontal	35
4.4.3. Biografia da direção com foto	36
5. - Considerações Finais	37
6. – Referências	38

1. – Apresentação

São tantas as verdades de início se chamava Romeo. Ideia concebida a mais ou menos 2 anos atrás. Uma ideia que para mim na época fazia muito sentido. Assim como toda novidade, ela veio carregada de muita excitação, incertezas, mas também de muito esmero.

Eu sou uma pessoa regida 100% por fases. Sou do tipo quase obsessivo; quando me interesse pra valer por algum assunto, situação, ou pessoa, pensamentos frenéticos e incessantes não deixam de invadir minha mente. E assim eu me encontrava.

O Luiz de 2 anos atrás tinha acabado de conhecer mais a fundo o trabalho da artista plástica Brasileira Adriana Varejão. E se apaixonado por ele. Em especial a série “saunas e banhos”, onde espaços aparentemente vazios e misteriosos eram retratados em pinturas, desenhos, sketches e fotografias. A obsessão deu as caras. Passei dias estudando tais obras. Comprei livros que falavam a seu respeito. Viajei até o maior museu a céu aberto do mundo, Inhotim, em Minas Gerais, para ter contato cara a cara com sua vasta produção.

E foi assim que Adriana Varejão puxou, quase que instintivamente, outros nomes que já faziam parte de minha formação a muito tempo, como José Leonilson, outro multiartista Brasileiro, Lucio Fontana, e até mesmo o escritor Argentino Jorge Luis Borges. A miscelânea estava instaurada. E a decisão também: Quero fazer um filme sobre mim. E sobre tais referências que a mim são tão caras e vitais.

Ah claro, outro ponto importante: simplesmente não consigo produzir arte impessoal. Sempre foi assim, e sempre será. De um modo ou de outro, sempre haverá um pedaço gigante de mim mesmo em qualquer coisa que eu vá fazer. Seja o roteiro de um filme, uma fotografia, uma colagem, uma poesia. Encaro isso quase que como uma espécie de diário; onde pedaços de minha vida que a princípio podem parecer dispostos a esmo; mas que na verdade foram escolhidos com precisão; serão mostrados aos outros. E isso nem sempre é uma tarefa fácil. A vulnerabilidade passeia de mãos dadas com a comoção.

Foi pensando em tudo isso que meu antigo roteiro, Romeo, passeava com seu personagem principal sem nome, por um lugar indefinido, cheio de salas, e em cada uma delas, o protagonista enfrentava provações. Provações essas carregadas de simbolismos, como na sala de tecidos delicados e puros, onde iria confrontar diretamente uma cama vazia, bagunçada, que o faria ter lembranças do período que passou ao lado de certa pessoa, e das aventuras vividas ali mesmo, naquele pedaço de madeira e renda; que no presente momento estaria corrompido e marcado bestialmente com bordados em vermelho que vociferavam NINGUÉM, CARENTE, ou coisas do tipo. Também o espelho, coberto e pendurado em cima da cadeira, haveria de ser “rasgado” e exposto, numa tentativa desesperada de tentar revelar realmente

quem o encarava, ali naquele momento. Saindo dessa sala, uma trilha de cacos de vidro o aguardava, e não lhe restava outra saída senão atravessá-la diretamente, manchando seu caminho com seu próprio fluido convulso e fervente, uma lembrança pungente de que, antes da redenção, muitas vezes há a morte. Não necessariamente no sentido literal, mas morte de partes de si mesmo.

Mesmo agora, escrevendo este dossiê, me emociono e me encontro com lágrimas nos olhos ao revisitar essa lembrança. Então sim, sem dúvidas afirmo que essa é uma ideia de realização que ainda faz sentido para mim. Eu só não sei se essa era a hora. Ou se eu estava preparado para, como dizia Leonilson, entregar meu coração, assim tão explicitamente, para todos observarem. E foi partindo dessa dúvida, associada a um fraquejo emocional grande por minha parte e empecilhos técnicos, que resolvi engavetar meu Romeo. Mas não foi um adeus, e sim um até logo. Bem logo.

Mas eu precisava de uma outra ideia. Algo que no momento brilhasse meus olhos e me trouxesse novamente aquela certa obsessão. 2 anos tinham se passado. Eu naturalmente mudei, passei a consumir outras coisas, outras mídias, assuntos e conteúdos. Vinha de uma fase onde a fotografia estava muito presente em minha vida, associada à arte que busca retratar um outro assunto muito intrigante para mim: A juventude. O famoso “coming of age”. Soma-se a isso tudo o universo e a cultura do skate, que sempre me foi de um fascínio tremendo, seja pelos seus costumes, seus trejeitos, suas atitudes, suas manobras, seu estilo de vida, e obviamente, sem deixar de ser hipócrita, os garotos skatistas.

Nesse ponto, Larry Clark já havia se tornado um de meus mentores, através de seus filmes, suas fotos ou seus livros, assim como Winter Vandenbrink, fotógrafo parisiense que possui uma peculiar predileção Voyeurística ao retratar seus assuntos; em sua grande maioria, garotos skaters de Paris. “camuflado” em plena Place de la Republique por exemplo, saca sua câmera com objetiva em momentos estratégicos, emoldurando composições que são um verdadeiro retrato de nossa geração, onde amizade, amor, skate e masculinidades se fundem a um quê inerente de desejo e sensualidade.

E foi assim que nasceu São tantas as verdades. Celebrando toda uma gama de filmes caseiros e amadores de skate. Um filme sobre garotos. Um filme sobre olhares e pontos de vista. Um filme sobre o desejo latente que nem sempre é possível de ser consumado. Um filme que enaltece tais garotos e explicita o poder e a altivez que carregam consigo, mas que nem sempre se dão conta. Um filme sobre mim. Um filme sobre as minhas verdades, e porquê não, também dessas pessoas.

2 – “Roteiro”

2.1. Última versão do “roteiro”

Meu processo foi um pouco diferente. Não estabeleci um “roteiro” propriamente dito pois quis essa naturalidade em tela. Ao invés disso, me guiei inteiramente por minhas referências, que no caso incluíam imagens com essa “aproximação” dos sujeitos, e por isso a handycam foi escolhida, além de sua estética por exemplo. Assisti a muitos filmes de skate produzidos de forma amadora para maior inspiração também. Não há uma regra ou fórmula propriamente dita, e sim a diversão e a descontração.

Em relação aos garotos, nada foi ensaiado ou delimitado previamente, e sim pequenas instruções foram dadas para que continuassem suas atividades como se as câmeras não estivessem ali. Algo à la Gus Van Sant em Paranoid Park.

Além disso, criei um pequeno material escrito que foi passado às pessoas no momento do casting para maior entendimento do projeto, que será reproduzido abaixo:

***Uma espécie conceitual de “estudo antropológico” envolvendo o universo puramente masculino, seus hábitos, trejeitos e pensamentos, vistos de uma maneira sensível e única; como se estivéssemos observando através dos olhos de alguém que não está necessariamente inserido nesse mundo, as vezes meio de longe, as vezes mais perto.**

***O uso do corpo masculino, que ainda pode ser considerado um “tabu” hoje, pois estamos acostumados a ver o corpo de MULHERES sendo desejado e usado para atrair em filmes, músicas, vídeos, fotos, comerciais, etc. Uma SUBVERSÃO de valores será colocada em evidência.**

***Os enigmas da juventude**

***A cultura do skate e seus desdobramentos e influências na sociedade**

***O ambiente que acolhe os mais variados tipos de personalidades, que ao mesmo tempo vira refúgio e válvula de escape para muitos jovens.**

Principais referências estilísticas e de conteúdo:

- Filme The smell of us – Larry Clark

- Filme Paranoid Park – Gus van sant

Winter vandenbrink – Fotógrafo

- Supreme Skate Films
- kohei yoshiyuki – Fotógrafo
- Tristan Warren Youtube skate films

#Montagem conceitual e díspar, feita de fragmentos e sem a presença de uma linha narrativa precisa, misturando os takes dos garotos, feitos de forma afastada e “voyeur”, com takes da “paisagem” e do ambiente que os cerca, além das gravações vindas diretamente da handycam do garoto filmando o outro andando de skate , a presença de trilha sonora em certos momentos, e o voice-over.

- Locação – Skate park da costeira
- Takes mais livres :
- Os garotos andando de skate, conversando, rindo, fumando, sentando para descansar e se gravando com a handycam
- Takes mais controlados:
- Cenas mais fechadas com seus corpos em evidência, vistos por um viés mais sensualizado, em closes, zoom e planos detalhe que denotam essa “observação” do espectador, e que servem de metáfora para a força, altivez e poder que a juventude carrega.

Fonte: the smell of us by Larry Clark



fonte: The smell of us by Larry Clark



Fonte: Stallion by William Strobeck for Supreme



Fonte: Winter Vandenbrink



Fonte: DREAM2021MOVIEVILLE by Tristan Warren

2.2. - Leitura do roteiro pela direção

Como dito anteriormente, a naturalidade foi um dos maiores pilares desse projeto, sendo assim optei por não seguir uma linha tradicional de roteiro.

Uma vez no local de gravação, os garotos foram instruídos a agirem naturalmente, andando de skate, conversando, rindo, fumando, acertando manobras, errando manobras, como se as câmeras nem existissem. Tal aspecto foi muito mais fácil de ser atingido com as imagens que fiz na handycam por exemplo, devido ao seu tamanho quase passar despercebido.

O filme começa com esse ar de solidão, mostrando algumas cenas dos lugares vazios ou quase sem ninguém, mas logo ganha corpo com a aparição dos primeiros sujeitos. Mas tal aparição é sutil. Não conhecemos totalmente seus rostos logo de cara; mas temos vislumbres mais vivos de seus corpos.

Essa câmera quase que frenética continua sua busca, tentando pousar seus olhos em alguma cena que ache particularmente interessante.

Nesse meio tempo aparecem os takes gravados em estúdio, que aqui ganham um ar de sonho, lírico, onde não necessariamente temos noção de onde é tal lugar, ou quem é tal pessoa, pois seu rosto também ainda não está em foco. Tais cenas denotam a forte carga do desejo presente na obra, desejo esse que, muitas vezes não consumado, pode se desenvolver livremente em nossas mentes.

O filme se desenvolve mais um pouco, e aí sim começamos a olhar esses garotos em maior detalhe, em maior aproximação. O que antes parecia uma observação tímida, contida, cheia de medo e majoritariamente bem afastada, agora já começa a despontar como se um passo a mais tivesse sido dado, e essa “pessoa” ou esse observador agora circulasse mais próximo de seus “assuntos.”

Mais para o fim, a aproximação parece se dar de forma quase completa, como se tal observador tivesse sido por exemplo aceito no meio de tais pessoas. Mas será mesmo?

As colagens ao final fazem as vezes das “lembranças” colecionadas, guardadas e agora materializadas ao longo do tempo por tal observador.

3. - Análise crítica

3.1. – Direção de Arte

Contrapondo meu roteiro anterior, Romeo, onde a direção de arte era 100% a alma do filme, existindo por ele, e por ele existindo, dando significado a tudo, em São tantas as verdades ela não desempenha um papel de tão extrema importância.

Como busca retratar os jovens dessa maneira natural e descomplicada, foram usadas as roupas que os próprios garotos estavam usando ao chegarem na pista para a gravação, em sua maioria.

Para alguns foi adicionado um toque de maior destaque, como o meu moletom listrado vermelho e azul, usado pelo Matheus, que ao chegar na pista usava uma camiseta branca básica, que o fazia se misturar muito, mas de uma maneira não tão positiva, àquele ambiente. Sendo assim, aproveitei sua calça camuflada e seu tênis branco, e lhe designei uma camiseta cinza e o moletom, que caíram muito bem.

Já para outros, foi fornecido o look completo. O Gabriel, por exemplo, anda de skate mas não possui aquele estilo mais característico a que estamos acostumados, calças largas, tênis “gordos” com bastante enchimento, camisetas mais amplas... sendo assim peguei do meu próprio guarda roupa um bermudão jeans com a barra desfiada (que em mim fica extremamente largo, o quê achei que daria o tom perfeito nele... mas não contava com o tamanho de suas pernas/coxas, quase o dobro das minhas) sendo assim, a bermuda nele ficou mais ajustada. Além dela, uma camiseta e meias da marca Champion, e um tênis nike dunk low sb, queridinho dos skatistas, e perfeito para aderir bem à lixa.

Outro caso de look completo foi o Guilherme, e mais uma vez as roupas usadas foram todas minhas. Resolvi ousar um pouco mais na calça, que dessa vez apresentava um print gráfico do quadro “o grito” de Edvard Munch em toda a sua extensão, rasgados e puídos, com a barra também desfiada. Como ele é um pouco mais magro que eu, foi necessário colocar um caderço para segurar a calça no lugar. Mais autenticidade impossível. A blusa foi um pouco mais sóbria, na cor bege, mas com destaque para sua modelagem super ampla e oversized. Nos pés, um par de clássicos vans de cano médio com mistura de estampas xadrez. Guilherme também era o único com cabelo realmente comprido, e optei por deixá-lo solto mesmo, para se movimentar com o vento que no dia estava super forte.

Fora isso, não foram usados nenhum outro tipo de elementos cenográficos, todos já disponíveis na pista no dia da gravação, além de seus próprios skates que cada garoto levou, e do cigarro que o Matheus fuma em uma das cenas.

processo de escolha do figurino





Processo de escolha do figurino

3.2. – Casting e Preparação de Elenco

Com certeza a parte mais difícil na realização do filme. E isso se deve principalmente ao fato da minha inexperiência ao comandar uma produção.

Achei que, assim como Gus Van Sant ou Larry Clark, seria relativamente fácil encontrar e convencer garotos não atores a participarem do filme. Na verdade, na minha cabeça, eu tinha muito bem definido o perfil de garoto que eu estava procurando.

Obviamente eles tinham que ter esse ar, essa estética skatista que estamos cansados de ver em filmes, videocliques e séries, mas ao mesmo tempo eu não queria reproduzir algo caricato.

E para além da estética, esse ar de uma quase inocência também me interessava, pois estamos falando de pessoas que tecnicamente estariam justamente migrando da fase da adolescência para o início da vida adulta.

Mas aprendi logo na marra que fazer as coisas sem uma grande produção por trás, sem pessoas desempenhando funções específicas em cada área, sem você ter um grande portfólio, ou ainda sem você ter um nome relativamente conhecido, pode dificultar e muito as coisas.

A concepção original do filme trazia ainda mais fortes esses elementos “sensuais” nos takes da pista por exemplo, onde seriam filmadas algumas cenas dos garotos sem camisa, com close em seus corpos, close do suor banhando seus torsos, suas nuças, takes com um ar mais “fetichista” como por exemplo seus pés e suas meias em evidência, ao trocar de tênis, suas axilas... Mas conforme os castings começaram a acontecer, percebi que tal teor teria que ser drasticamente diminuído, ou eu corria o risco de não fazer filme nenhum, pois muitos não compraram a ideia.

Como não dispunha de uma pessoa para ficar exclusivamente nessa parte do casting, eu mesmo comecei a procurar o perfil de garotos skatistas de Florianópolis e região, via instagram. Novamente, estava muito confiante e batendo incessantemente nessa tecla dos não atores.



**CHAMADA DE ELIENÇO
PARA CURTA
METRAGEM
CONVEITUAL
SOBRE GAROTOS
SKATISTAS
18-24 ANOS
FLORIPA E REGIÃO
+ INFORMAÇÕES
DM**

fonte: arquivo pessoal

Fiz essa colagem e postei nos stories do meu instagram. Algumas pessoas me ajudaram compartilhando, como a Beatriz Machado. Somente uma pessoa entrou em contato comigo por ter visto o stories, mas ele infelizmente não estava dentro do perfil do filme.

Nesse meio tempo, eu já estava chamando muitos garotos diretamente pela DM do instagram, explicando um pouco sobre o projeto e pedindo se eles teriam interesse em participar. Incrivelmente, muitas respostas foram positivas, e sendo assim eu pegava o número de whatsapp deles, enviava o material escrito, apresentava algumas referências e me oferecia para esclarecer dúvidas, no grupo do casting que estavam eu, o garoto e a Beatriz Machado, minha assistente de direção. E foi aí que começaram as complicações. Acho que muitos meninos ficaram um pouco assustados com esse teor que o filme ia ter, voltado para a exaltação do masculino, do corpo, e por serem não atores, talvez não ficassem tão à vontade, ou não tivessem tanta consciência corporal por exemplo. Sendo assim, a maioria deles infelizmente parava de responder ou saía do grupo, sem ao menos termos chance de entrar em um acordo ou explicar melhor.

Nesse ponto, já tinha entrado em contato com muitos garotos. Creio que no mínimo 25, e nada ia para a frente. Foi aí que tentei uma estratégia diferente, mais old school, inspirado obviamente por Gus Van Sant e seu casting para o icônico "Paranoid Park", uma de minhas maiores referências. Na época da produção do filme, sua equipe foi em várias skate shops locais, e deixou cartazes explicitando interesse em encontrar garotos skatistas e não atores para se juntarem ao longa. No caso dele, obviamente tudo deu mais que certo, no meu caso nem tanto assim.

No outro dia mesmo, vim aqui na unisul para imprimir diversos cartazes com a colagem do filme e meu contato embaixo. Junto com a Beatriz, espalhamos eles por diversos pontos estratégicos em volta da unisul, dentro dela e pelo passeio pedra branca, onde vários garotos se reúnem para andar de skate.

No passeio, fomos até mesmo obrigados a arrancar um dos cartazes, pois os seguranças vieram atrás de nós dizendo que era expressamente proibido colar coisas ali sem autorização de terceiros. Arrancamos um, mas não sem antes nos certificarmos de que eles não estavam mais por perto, e deixar o outro intacto e escondido na sua parede pichada de metal.

Alguns dias se passaram, e novamente pouquíssimas pessoas entraram em contato comigo, somente 2 para ser mais exato, e um ainda nem ao menos gostaria de participar do filme, falou que simplesmente gostou da estética e da proposta que ali viu.

Sendo assim eu me encontrei de mãos atadas. Estava praticamente a ponto de mudar 100% o viés do filme, pois achei que depois de tudo isso, ninguém aceitaria fazer. Nos bastidores, a Beatriz sempre me consolava, dizendo que a ideia era incrível, muito

style, conceitual e diferenciada, e que tinha certeza que deviam existir diversos garotos por aí que topariam fazer, só não estávamos conseguindo encontrá-los. Pelo menos não procurando nesse espectro aqui de onde moramos. Realmente, parando pra analisar agora, foi um tanto quanto ousado e arriscado da minha parte, querer trabalhar tal tema na primeira produção “grande” que eu estava assumindo a direção. Repetidas vezes me pedi “mas como o Larry e o Gus conseguiram tão fácil?” mas aí lembrava que eu não era eles, e sim o Luiz Fernando Tartarotti Godoy.



colagem de divulgação próxima a Unisul

Foi nessa maré turbulenta de coisas não saindo como o planejado que eu encontrei o Matheus pelo instagram, após acessar o perfil de amigos dele, e ver as fotos em que estava marcado. Seu porte físico logo me chamou a atenção, sua altura, e

principalmente porquê possuía aquele quê de inocência não totalmente perdida em seu rosto. Ah, e andava de skate claro. Se não fosse esse detalhe talvez meu trabalho tivesse sido mais fácil também.

Mandei mensagem para o Matheus, e desde o primeiro momento ele se mostrou receptivo, mas com um interesse não muito latente. Em minhas fantasias, jurei que iria encontrar pessoas que estariam 100% apaixonadas por essa ideia e que não mediriam esforços para concretizá-la comigo. Não foi bem assim.

Seguimos para o Whatsapp, demos todos os detalhes (inclusive a parte do cachê, que agora tinha aumentado para R\$300,00 para o garoto principal, na esperança de alguém aceitar o mais rápido possível) e ele incrivelmente aceitou. Frisamos algumas vezes a questão corporal e ele pareceu não se importar muito. Dei graças a Deus que pelo menos tinha uma pessoa aparentemente confirmada.

Nesse meio tempo, também estava envolvido na produção do filme da Beatriz, e foi em uma ida ao mercado com sua amiga e produtora, para comprar itens para a cena da banheira que ia realizar, que descobri que ela tinha um irmão mais novo, que andava de skate ao que tudo indicava, se encaixava no perfil do filme. Ela passou o contato dele para chamarmos no whatsapp, mas deixou claro que não dava certeza pois ele era muito tímido. Esse detalhe nem se fixou na minha cabeça, pois o desespero já tinha começado a levemente se instaurar dentro de mim. Preciso de mais pessoas confirmadas, e rápido.

Chamamos o Gabriel. Novamente, explicamos todo o conceito. Demos as referências. Já era possível notar realmente, só pelo seu modo de falar, que ele devia ser muito tímido. Além do mais, disse que não andava de skate a um bom tempo, então não sabia se iria ser bom o suficiente. Novamente fechei os olhos a tudo isso e só queria que ele confirmasse. A confirmação veio, contanto que ele não tivesse que realizar as ditas cenas “sensuais” da proposta inicial. Preço aceitável a se pagar, pensei, por estar tão em cima do prazo e com tão pouca gente confirmada.

O terceiro garoto, Guilherme, eu conheci na gravação do filme da Beatriz, onde ele estava sendo figurante. De todos, o Guilherme é o único que realmente é ator, mas não anda de skate nem nada do tipo, porém pensei que ele podia ajudar a compor algumas cenas com os outros garotos, e foi assim que entrei em contato com ele, e o mesmo ficou muito feliz com o convite, aceitou participar de imediato e apoiou muito a ideia. Como ele não iria andar de skate em cena, achei que também poderia usá-lo para as tão temidas cenas sem camisa.

O último garoto confirmado quase nem aconteceu. Um dia antes da filmagem, Bernardo, com quem eu tinha entrado em contato a um bom tempo, mas sem retorno, me respondeu, se mostrando também bem interessado pela proposta, e muito solícito, educado e disposto a ajudar. Disse que no dia seguinte tinha aula na UFSC, mas que logo após, a partir das 18h, poderia dar uma passada na pista e fazer alguns takes. Nem ao menos aceitou o transporte que foi oferecido, disse que estava muito feliz em poder voltar a andar de skate depois de um tempo parado.

E foi assim, depois dessa saga quase Odisseica, que enfim chegou o dia de filmar na pista. E foi assim também que o filme acabou adquirindo um outro tom, mesmo que inconscientemente.

No dia da gravação eu simplesmente travei. Já sou uma pessoa tímida e ansiosa por natureza, mas naquele dia tudo se multiplicou por mil. Eu não conseguia passar exatamente as ordens para os garotos, do que eu gostaria que eles estivessem fazendo. Olhar todas aquelas pessoas e saber que todas estavam ali por mim, e que dependiam de mim para que as ações fossem concretizadas me deixou em pânico. Em determinado momento eu queria mais do que tudo sair correndo, deixar todo mundo ali, não pensar mais naquilo, ou me esconder em algum lugar. Mas encontrei forças sobre-humanas dentro de mim e fiquei firme. O mais firme possível. Sempre que podia e via que eu estava muito travado, a Beatriz tentava me ajudar, ela mesma puxando as rédeas da situação.

O Andy, que fez as imagens com a câmera da Unisul, também se mostrou bem compreensivo, apesar de em alguns momentos me apressar, dizendo que ainda tínhamos muitos poucos takes, e que o tempo de luz do sol estava acabando, o que consequentemente não melhorou em nada a minha situação.

A essa altura do campeonato, eu não conseguia raciocinar mais direito. Sabia que as tais cenas mais “provocantes” não tinham sido realizadas, mas nem ligava mais para isso. Um grande erro. A Beatriz me lembrou disso em certo momento, e eu respondi meio que no automático, dizendo que não queria mais fazer elas, dizendo que achava que não cabia mais, e que eu não estava em condições de dirigir as mesmas. Ela questionou “você tem certeza?” e eu afirmei que sim.

Nesse meio tempo, continuei captando imagens com a Handycam, enquanto o Andy captava com a câmera da Unisul.

Mais um empecilho também já estava bem evidente: nem o Matheus, nem o Gabriel possuíam um nível muito bom de skate (embora eu já soubesse um pouco disso a respeito do Gabriel) com o fator agravante do Matheus ainda estar se recuperando de uma cirurgia no ombro, ou seja, não podia movimentar muito (informação que não havia sido mencionada anteriormente).

Sendo assim, muitos takes envolvendo manobras, ou até mesmo a descida deles no bowl ou na rampa não foram possíveis de serem feitos.

Após um longo dia de sol escaldante, que estourou muitas das imagens feitas com a câmera da Unisul, estávamos aguardando o Bernardo, e já se aproximava das 19h. Dispensamos quase todo mundo, e só ficou eu, o Andy, a Beatriz e a amiga dela. Bernardo chegou muito animado e sorridente, dizendo que não iria poder ficar muito tempo, mas que já podíamos começar a gravar se quiséssemos. De cara já percebi que o nível de skate dele era superior a todos os outros. Eles foram aquecer, e fui com o Andy preparar a câmera. E foi assim que conseguimos alguns dos takes mais naturais do filme, com o Bernardo andando à noite com seu amigo, ou simplesmente

conversando com ele, trocando de blusa, etc. Encerramos a diária e voltamos todos para casa.

Os takes do estúdio foram um pouco mais fáceis. Como seriam focados diretamente no corpo, entrei em contato com algumas agências de modelo da região, mas sem muito sucesso para fechar algo. E foi assim que voltei ao antigo método de chamar a pessoa diretamente na DM e encontrei o Felipe, que se mostrou também animado para participar do projeto.

Por ser modelo, obviamente ele já possuía uma boa consciência corporal, então dirigi-lo foi mais tranquilo, além do fato de nesse dia só estarem presentes eu, ele, a Beatriz e o Douglas Matos, meu diretor de foto.



Matheus



Gabriel



Guilherme

3.3. – Direção de Fotografia

A fotografia das cenas da pista foi feita pelo Andy Puera e por mim.

Sempre quis fazer um filme “que não tivesse ar de filme”, esse estereótipo meio batido e já conhecido que temos de planos bem alinhados, estabilidade das imagens, cores vivas, diálogos, etc. Quis que toda a experiência realmente passasse a ideia de estarmos dentro da pista com esses garotos. Por esse motivo acho que essa sensação de filme caseiro/amador se justifica muito aqui.

Entrei em contato com ele via whatsapp, pois já tinha gostado do seu trabalho no filme de tcc Nefasto, e a princípio ele não iria poder fazer, pois trabalhava no dia. Porém no fim das contas ele conseguiu um espaço e se mostrou feliz em participar.

Discuti com ele as referências, que no caso da fotografia, se concentravam mais no filme Paranoid Park, e no trabalho de Winter Vandenbrink, que no caso não faz filmes, mas sim fotografa; além de filmes de skate produzidos por skatistas para a marca de streetwear Supreme por exemplo. A tarefa maior ficou por conta de tentar traduzir essa referência de imagens paradas para imagens em movimento.

Desde o princípio sempre quis fazer uso da Handycam, pois amo a estética e amo esse contraste gritante entre as imagens mais estáticas, e os zooms gigantes que ficam incríveis na Handy, por exemplo.

As cores do Paranoid Park seguem essa linha mais lavada, com perda proposital de qualidade, e foi mais ou menos nessa linha que seguimos, com uma sugestão muito interessante do Andy, de em alguns momentos utilizar uma lente que estava com um pouco de fungo, para esse look mais autêntico, com ar de coisa um pouco mais antiga, estilo as câmeras VHS de anos atrás.



Paranoid Park – Gus Van Sant – 2007

Fiz questão de ter alguns takes estáticos para poder contrapor com o movimento de outros.

Já algumas cenas o Andy fez com câmera na mão, o que resultou numa instabilidade maior.

Um dos pontos chave foi a presença de um certo “flow”, um movimento mais rítmico que acompanha os garotos enquanto estão em cima do skate.

O começo do filme é focado bastante nos garotos do pescoço para baixo, e não deixa muito seus rostos em evidência, quase que como escondendo aquela identidade, protegendo-a... mas no decorrer do tempo conseguimos visualizá-los por completo, e cada vez mais próximos... caracterizando tal aproximação do observador com os sujeitos.

Por fim, os takes da Handycam X os takes da câmera da unisul acabaram não contrastando tanto quanto eu imaginei, pois apesar da tremulação e da instabilidade, a Handycam ainda produz imagens de ótima qualidade. Todos os takes de dia foram somente com a iluminação natural (que por sinal estava super dura no dia) e todos os takes a noite foram feitos somente com a iluminação que provinha dos postes na pista.

Os takes em estúdio foram feitos pelo Douglas Matos, que também fez iluminação. Ele gravou com sua câmera 4K, o que produziu cenas com extrema qualidade. A maioria dos takes foi estático com algum pouco movimento envolvido e um pouco de câmera na mão.

A iluminação proposta foi bem teatral e centralizada no modelo, de modo que os detalhes de seu corpo ficassem em evidência total, como os músculos de seu peitoral e

sua barriga, de suas costas, de seus braços, e as linhas que delineiam seu maxilar por exemplo.



foto: Winter Vandenbrink

3.4. – Montagem

Devido ao meu estilo de arte e de estilização, sempre visei realizar a montagem dessa forma não linear, quase díspar, com takes de dia mesclados com takes à noite, e vice versa, takes de lugares vazios, com takes dos garotos andando de skate, além de uma sobreposição de quadros, quase no final, no take do suor escorrendo com o take da handycam por baixo, e no meio, onde 3 telas mostram movimentações do Felipe em cena.

O processo de montagem foi um pouco complicado, pois eu ainda não tinha o arquivo da trilha do filme enquanto fazia ela, por isso tive que cortar e selecionar eles com base no que eu achei que ficaria bom e interessante no filme.

Antes de filmar, achei que a montagem seria basicamente 90% de takes feitos com a câmera da Unisul, e 10% de takes feitos com a Handycam, mas no fim das contas, a conta foi bem equilibrada e usei praticamente um pouco de todos os takes que gravei com a Handy.

Os takes em estúdio, aqui na montagem, servem quase como um escape da realidade, a entrada em uma atmosfera onírica, lírica, de desejos, que muitas vezes não são correspondidos, mas que continuam ali existindo em nossas mentes.

Os takes na pista se diferenciam claramente por serem gravados em dois tempos diferentes, dia e noite por exemplo, já os takes do estúdio parecem complementar a imensidão, a escuridão e a quase solidão latentes presentes nos takes à noite, até porque algumas vezes vem em seguida uns dos outros.

Os takes em que as manobras ficam em evidência retomam o conceito e a referência dos filmes de skate feitos por skatistas comuns, e postados muitas vezes em suas páginas do instagram ou do youtube por exemplo, não necessariamente sendo necessário ser um grande conhecedor de equipamentos e/ou lentes ou câmeras para se filmar fazendo o quê gosta.

3.5. – Desenho de Som

O desenho de som no filme serve para trazer essa atmosfera melancólica, por vezes misteriosa, de tentarmos descobrir ou adivinhar quem são esses personagens, quem são esses garotos, o que eles estão fazendo ali? Como será a vida deles longe das pistas? Quais são seus problemas, provações, alegrias, arrependimentos?

A referência da ambientação também provém do *Paranoid Park*, onde sons metálicos, agudos e quase não identificáveis, por vezes se misturam ao som do canto de pássaros por exemplo, trazendo um contraponto muito interessante.

Chamei o Victor Galles para cuidar da trilha, já que gostava do seu trabalho, e sabia que ele já tinha uma boa experiência na área. Passamos juntos as referências e assim ela foi criada.

A ideia inicial também consistia em um monólogo meu, misturando falas existenciais com uma poesia e algumas digressões, que talvez ainda seja colocado em uma nova versão. Mas até o momento da entrega, não conseguimos ainda adicionar esse elemento, o quê para mim, na minha concepção, tirou um pouco da potência do filme... mas talvez seja só a minha opinião, pois mostrei o filme para alguns amigos e eles já gostaram bastante do resultado.

Assim que viu meu primeiro corte, o Victor já disse que estava esperando por esse viés meio homoerótico da coisa, e que juntamente com os takes dos lugares vazios, que denotam essa solidão latente, e os closes de corpos e rostos, decidiu juntar essa vibe mais dark para a trilha, com momentos em crescendo que levam a uma atmosfera quase tensa, da sensação iminente de algo pairando no ar enquanto assistimos a um pedaço da vida desses garotos, o chamado “slice of life.”

3.6. – Produção

Como não possuía alguém específico para cuidar da produção, tive que eu mesmo realizá-la. Sinto que teria sido muito menos estressante se eu tivesse tido maior ajuda na hora do casting por exemplo, o que me possibilitaria ter escolhido garotos que talvez funcionassem mais em cena, embora eu tenha gostado do resultado final.

Isso se deve um pouco à minha falta de contato com pessoas. Muitas vezes tenho vergonha de pedir as coisas para elas, e acabo preferindo fazer as coisas sozinho.

Agora percebo também que se tivesse um networking maior, poderia ter tido a presença de mais pessoas na equipe.

Mas ser e fazer a produção de meu filme também me trouxe alguns ensinamentos positivos, querendo ou não tive que me articular de algumas maneiras, seja indo atrás dos garotos, seja tendo que administrar o meu orçamento que era bem curto, ou tentando achar soluções para cortes de gastos com transporte e alimentação por exemplo.

4. - Plano de negócios: exibição e distribuição

O filme se encaixa na categoria experimental, por isso vou inscrevê-lo em festivais nacionais e internacionais que possuam majoritariamente essa proposta.

4.1. Resumo de dados quantitativos

Tempo de exploração do filme: 2 anos

Nicho de exploração do filme: Experimental

Mídias de exploração: Festivais

Território de mercado: Brasil e Europa

Recursos disponíveis: LSE

Tempo de dedicação para execução do plano de negócios: 2 anos

Metas numéricas de sucesso: 15

Metas numéricas de tentativas: 50

4.2. - Descrição do plano

O foco do filme é em festivais de temática experimental como Fenda experimental de artes fílmicas de Belo Horizonte , Pan-cinema Experimental - Festival internacional de cinema experimental de Curitiba , DOBRA - Festival internacional de cinema experimental , FAM , Festival ECRÃ, e festivais internacionais como Kinodot Experimental Film Festival e Altered Images Film & Music fest.

4.3. - Ficha técnica

Cidade: Palhoça

Estado: Santa Catarina

País: brasil

Ano de finalização: 2022

Ano de produção: 2022

Duração: 8 minutos e 52 segundos

Direção: Luiz Fernando Tartarotti Godoy

Ass de direção: Beatriz Machado

Roteiro: Luiz Fernando Tartarotti Godoy

Direção de Fotografia: Andy Puera , Douglas Matos e Luiz Fernando Tartarotti Godoy

Direção de Arte: Luiz Fernando Tartarotti Godoy

Montagem/edição: Luiz Fernando Tartarotti Godoy

Trilha sonora original: Victor Galles

Produção executiva: Luiz Fernando Tartarotti Godoy, Beatriz Machado

Elenco: Matheus Werkhaizer

Bernardo Zappelini

Gabriel Zapelini Backes

Guilherme Eyng

Classificação indicativa: 14 anos

Sinopse: Realidade e desejo se fundem a um passeio voyeurístico por uma pista de skate.

4.4. - Mídias e canais de divulgação

O filme possuirá uma página no instagram onde será feita a sua divulgação, também será criado um teaser, e após um período de 1 ano e meio, será disponibilizado em plataformas de nicho.

4.4.1. - Cartaz



SÃO TANTAS AS VERDADES

4.4.2. - Foto de divulgação horizontal



4.4.3. - Biografia da direção com foto



Luiz Fernando Tartarotti Godoy, 25 anos, é natural de Caçador/SC e atualmente mora em Palhoça. Toma mais café do quê deveria, tem 9 graus de miopia, ama escutar ARCA e ler poesia. Acredita que a Arte é sua principal válvula de escape

5. - Considerações Finais

Fazer um filme não é fácil. É uma jornada e tanto. Momentos de felicidade se mesclam bruscamente a momentos de desespero onde o choro é iminente. Na realização desse filme eu ri, chorei, me diverti, me senti feliz, me senti incapaz, me senti muito triste, mas também fiquei muito orgulhoso de mim mesmo, por acreditar em um tipo de arte/estética/nicho que muitas pessoas não acreditam, ou veem como inferior.

E mesmo assim eu segui meus instintos. Várias vezes pensei em alterar minha ideia, quem sabe fazer um filme com ar mais “cinemático” pra atrair a maior aprovação do público ou dos outros, ou até mesmo com uma outra temática, mas no fim das contas a arte ultrapassa tudo isso e simplesmente não podemos fugir de quem somos ou do que gostamos de criar. É isso que nos torna pessoas tão únicas, diferentes e especiais.

Os filmes de TCC produzidos em nossa turma, pelo menos esse ano, seguem todos nessa linha já descrita anteriormente, do que conhecemos, acreditamos e aceitamos ser um filme (na opinião da maioria das pessoas) por isso é muito difícil e arriscado seguir uma proposta totalmente diferente, pois as comparações são iminentes, e o julgamento maior ainda.

Sei que muitas pessoas irão ver meu filme e não vão entender. Ou simplesmente não vão gostar. Dizer que é inferior à produção de outras pessoas da sala. E realmente se pararmos para analisar, meu filme não foi nenhuma mega produção ao colocarmos lado a lado com o filme da Beatriz por exemplo, que envolveu inúmeras pessoas, inúmeros dias, inúmeros transportes, inúmeros alimentos, inúmeros profissionais, inúmeros figurinos e conseqüentemente, muito dinheiro.

Mas eu sinto que estou numa fase mais introspectiva. Mais ainda do que eu naturalmente já sou. Então zero condições para mim, fazer algo que se assemelhasse a uma hiper produção. Pra ser bem sincero eu nem gostaria disso. Quis fazer um filme mais intimista, mas que não deixasse de concentrar elementos de conteúdo que eu considero caros em minha personalidade, assim como elementos estéticos e poéticos.

A minha veia artística clama por coisas assim. E será assim que eu vou continuar. Nem que as adversidades sejam grandes.

6. - Referências:

THE SMELL OF US. Direção de Larry Clark. França: jour2fête, 2014 (92 minutos)

PARANOID PARK. Direção de Gus Van Sant. França/Estados Unidos: IFC films imovision, 2007 (84 minutos)

WINTER VANDENBRINK. Disponível em:
(<https://instagram.com/wintervandenbrink?igshid=YmMyMTA2M2Y=>)

STALLION. Direção William Strobeck. Estados Unidos: Youtube, 2021 (25 minutos)

DREAM2021MOVIEVILLE. Direção Tristan Warren. Estados Unidos: Youtube, 2021 (48 minutos)